

Círio de Nazaré: a festa urbana de fé e a homenagem dos trabalhadores do Ver-o-Peso à padroeira dos paraenses

Círio de Nazaré: the urban festival of faith and the tribute of Ver-o-Peso workers to the patron saint of Pará

Luiz de Jesus Dias da Silva
Carmem Izabel Rodrigues

Universidade Federal do Pará - UFPA
Belém-Pará-Brasil

Resumo

Este ensaio tem por objetivo etnografar a homenagem prestada por trabalhadores do Ver-o-Peso, em Belém, a N. S. de Nazaré, no domingo do Círio, durante a passagem da procissão principal à altura da Pedra do Peixe, na Doca do Ver-o-Peso. Festa urbana que envolve a cidade e o interior paraense, o Círio tem seu ponto alto, para esses trabalhadores, na passagem da santa, em cortejo, diante dos devotos que se concentram no entorno da pedra – nos barcos, na pedra, no leito das vias, nas portas e marquises das lojas – para rezar, pedir bênçãos, ou apenas compartilhar dessa experiência de renovação da gratidão afetuosa à santa dos paraenses.

Palavras-chave: Círio de Nazaré; Procissão; Ver-o-Peso.

Abstract

This essay aims to ethnograph the tribute paid by Ver-o-Peso workers, in Belém, to NS de Nazaré, on Círio Sunday, during the passage of the main procession at Pedra do Peixe, at Doca do Ver-o-Peso. An urban festival that involves the city and the hinterland of Pará, the Círio has its high point for these workers in the passage of the saint, in procession, before the devotees who are concentrated in the surroundings of the stone – in the boats, in the stone, in the roads, in store doors and marquees – to pray, ask for blessings or just share that experience of renewing affectionate gratitude to the saint of Pará.

Keywords: Círio de Nazaré; Procession; Ver-o-Peso.

Introdução: a festa urbana da fé

Este ensaio objetiva apresentar as homenagens prestadas a Nossa Senhora de Nazaré, antes, durante e após a passagem da procissão principal, no domingo do Círio¹, à altura da Pedra do Peixe², no Ver-o-Peso, em Belém³. Tais festejos, promovidos especialmente por três categorias de trabalhadores no Ver-o-Peso (peixeiros, balanceiros e barqueiros), têm seu ponto alto durante a passagem da procissão, com a solenidade que comprova a força de sua fé, e terminam com uma festa no interior do Mercado de Peixe e arredores. Essa reunião sintetiza, em um segmento espacial e temporal que mistura sagrado e profano, o que se passa em toda a cidade festiva de Belém do Pará.

Há muitas festas dentro dessa grande festa anual, compondo um longo ciclo de romarias e outros festejos⁴. Entre estes ressaltamos aqui aqueles realizados por trabalhadores do Ver-o-Peso e de seu entorno, antes, durante e depois da dupla passagem da grande procissão diante do mais antigo mercado da cidade. Da trasladação noturna, no sentido Nazaré-Sé, ao seu retorno matutino, no sentido oposto, há pelo menos três eventos em comemoração a esse grande evento ritual. A primeira é a festa da Feira do Açaí, que se inicia no sábado, durante a passagem da Trasladação em direção à Sé, e que se prolonga pela madrugada e continua durante a manhã do dia seguinte. A segunda festa é mais uma espécie de confraternização entre os balanceiros, seus amigos, parentes e convidados, que ocorre em frente à sede da Associação dos Balanceiros do Ver-o-Peso (ASBALAN), ocupando a calçada e metade do leito da via principal (Boulevard Castilhos França); regada a cerveja acompanhada de tira-gosto, permite-nos ter noção do número de pessoas concentradas nesse local durante a passagem da berlinda da santa. A terceira festa é aquela realizada pelas três categorias anteriormente referidas, no interior do Mercado de Peixe, e que se inicia pela manhã, após a passagem da procissão principal, e prossegue durante todo o domingo⁵.

Esses eventos festivos que acontecem no mercado e seu entorno têm seu ponto alto no momento em que, concentrados na Pedra do Peixe, os trabalhadores do Ver-o-Peso, misturados a muitos outros, observam silenciosos ou interagem, emocionados e ruidosos, durante a circulação da Santa e seus romeiros. Daquela posição entre as embarcações, o chão de pedra e o mar de fieis em movimento, compartilham uma experiência humana particular e ao mesmo tempo universal. Essa festa urbana de fé é a principal festa da cidade e a maior festividade da região.

A festa religiosa envolve toda a cidade

A expressão “são dias de alegria e muita fé”, cantada no verso do samba de enredo da Escola de Samba Unidos de São Carlos (hoje Estácio de Sá), do Rio de Janeiro, retrata de forma singular o clima que envolve a cidade de Belém do Pará no mês de outubro de cada ano; desde agosto até o segundo domingo de outubro, quando acontece a grande romaria matinal conhecida como Círio de Nazaré, uma série de eventos rituais compõem essa grande festividade, estendendo-se por mais duas semanas até o chamado Recírio, procissão menor que ocorre no último domingo de outubro⁶.

Ao iniciar o mês de outubro, culminando com o dia da grande romaria matinal, mas se estendendo, ainda, por mais quinze dias de festividades, até a procissão do Recírio ao final do mês, a cidade mergulha em uma agitação coletiva peculiar, um burburinho urbano percebido mais claramente nos ambientes onde se reúnem expressivos números de pessoas, como as feiras, mercados populares, supermercados, grandes restaurantes e pontos turísticos da cidade. Nas ruas principais o trânsito normalmente intenso, e que já é tenso em horas de pique, aumenta de modo acentuado, devido à circulação de parte da população local, exponencialmente acrescida de turistas, pela feira do Ver-o-Peso, onde se encontram concentrados produtos indispensáveis aos principais pratos típicos regionais, os quais são preparados para o almoço tradicional do segundo domingo do mês.

A principal festa da Cidade é também a maior festividade da região, pois envolve todo o *hinterland* paraense e amazônico, além de outros visitantes brasileiros e estrangeiros. Segundo Maués e Maués (2005, p. 41), “a festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré é uma manifestação religiosa [e] cultural que, do ponto de vista da antropologia, tem uma importância muito grande”, pois consegue envolver todo um coletivo urbano. É o momento em que os trabalhadores da Pedra entram no clima da Cidade e se unem para homenagear Nossa Senhora de Nazaré no seu próprio ambiente de trabalho, em pleno Ver-o-Peso.

Nesse período do ano, os grandes símbolos representativos da cidade de Belém ficam ainda mais em voga, por cerca de 4 semanas: o primeiro é o próprio Círio de Nazaré⁷ – a romaria (ou conjunto de romarias) –; o segundo é o Ver-o-Peso, onde tradicionalmente a população se abastece com a matéria prima necessária para compor as iguarias tradicionais da culinária local. Essa relação simbólico-espacial entre a maior festividade local e o espaço urbano central da cidade, onde está localizado o Ver-o-Peso, se estende pela própria história

Círio de Nazaré: a festa urbana de fé e a homenagem dos trabalhadores do Ver-o-Peso à padroeira dos paraenses

do Círio, devido à introdução da corda, em 1855, ano em que a Berlinda da Santa⁸, que era puxada por bois, atolou em frente ao Ver-o-Peso, devido às fortes chuvas que ocorreram na cidade, provocando um grande alagamento na área, e foi então “[...] amarrada e puxada pelo povo por uma corda improvisada [e] anos depois passou a fazer parte da procissão do Círio, sendo atrelada à berlinda que leva a santa e puxada pelos fiéis que acompanham a procissão” (NASCIMENTO, 2010, p. 143). A Figura 01, a seguir, representa a procissão do Círio de 1855, passando pela enseada das embarcações, onde hoje está a Pedra (PINTO, s/d, p. 19), marcando a inserção da corda nesse evento religioso; esse elemento, a partir de então, passou a fazer parte da romaria, tornando-se um dos símbolos mais importantes do Círio⁹, junto ao qual um número impressionante de devotos paga suas promessas.

Figura 01 – Imagem representando a procissão do Círio de 1855 passando pela enseada das embarcações, onde hoje está a Doca do Doca das Embarcações e a Pedra.



Fonte: Pinto, s/d. (História do Círio de Nazaré em Quadrinhos).

Ainda segundo Nascimento (2010, p. 143), essa relação se fortalece na década de 1970, quando um balanceiro¹⁰ da Pedra, fez uma promessa, comprometendo-se a realizar uma festa em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré no dia do Círio.

O fato é que, atualmente, três categorias de trabalhadores da Pedra – balanceiros,¹¹ barqueiros¹² e peixeiros¹² – continuam dando sequência a essa tradição de homenagear a Santa, com fogos de artifício que são lançados durante a passagem da berlinda da Santa próximo à Pedra, tanto na grande romaria do Círio como na procissão que ocorre na noite anterior; a comemoração se complementa com uma festa dançante, ao som de aparelhagem¹³, na parte interna do Mercado de Ferro, no dia do Círio, que é iniciada logo após a passagem da Santa por aquele local.

O presente artigo trata especialmente desse evento nesse lugar da cidade – a passagem da Santa pela Pedra do Peixe – de onde serão acompanhadas as atividades de alguns atores sociais, envolvidos diretamente nessas homenagens. Após a grande procissão, que ocorre sempre no segundo domingo de outubro, a Pedra é envolvida organicamente na festividade do Círio de Nazaré, devido à homenagem dos trabalhadores, já citados anteriormente, que se reúnem durante o ano todo, organizando coletas, doações e apoios, para realizar tal intento.

Nesse momento solene, as pessoas se posicionam na Pedra para assistir à passagem da Santa na romaria do Círio, nesse mesmo local onde os trabalhadores que atuam nas madrugadas em torno do pescado, como que demarcando seu território; assistem à procissão conjuntamente com familiares e com populares que de alguma forma participam também da rede de comercialização do pescado no dia a dia da cidade. Após a passagem da procissão, os festejos caminham da religiosidade à dança e à comilança de iguarias regionais. As aparelhagens de som instaladas no interior do Mercado de Peixe, o transformam temporariamente em um dançará, em paralelo com uma reunião festiva que acontece no meio da Avenida Boulevard Castilhos França, em frente ao Mercado e à sede da Associação dos Balanceiros do Ver-o-Peso – ASBALAN.

O trajeto de 3,7 km entre as igrejas da Sé (Catedral Metropolitana de Belém) e a Basílica de Nazaré, por onde os romeiros caminham ocupando todo esse percurso, tem o Ver-o-Peso como um ponto crítico para passagem dos romeiros em procissão, devido às vias próximas serem estreitas, com cerca de 6 metros de largura, em média, tornando-se insuficientes para o grande número de pessoas que participam desse evento.

Dentre as pessoas que fazem as procissões da trasladação, na noite do sábado¹⁴, e do Círio de Nazaré, na manhã seguinte, muitos são promesseiros e outros simples acompanhantes, que seguem juntos pelas seguintes vias da cidade, no sentido da romaria noturna: Avenida Nazaré, Avenida Presidente Vargas, Avenida Boulevard Castilhos França, Avenida Portugal e Rua Padre Champagnat, onde fica a igreja da Sé. No dia da principal romaria – a matinal –, o trajeto é oposto à ordem das vias acima apresentadas: saindo da igreja da Sé, segue em direção à Basílica de Nazaré, trajeto que simboliza o percurso do caboclo Plácido¹⁵, que iniciou essa tradição.

Círio de Nazaré: a festa urbana de fé e a homenagem dos trabalhadores do Ver-o-Peso à padroeira dos paraenses

A figura 02 traz o mapa da cidade de Belém, com o recorte do centro da cidade e os três pontos principais – o Mercado do Ver-o-Peso, a Catedral da Sé e a Basílica de Nazaré – no trajeto das duas romarias principais: a Trasladação e o Círio de Nazaré.

Figura 02 – Mapa da cidade de Belém e recorte do trajeto das procissões.



Fonte: Autor a partir do Google Earth, 2015.

Além dos promesseiros e devotos de Nossa Senhora, encontram-se nesse trajeto, parados ou caminhando, outros atores sociais que não estão diretamente seguindo a procissão mas dela participam, como é o caso dos promesseiros que distribuem água aos romeiros e outras pessoas que ficam simplesmente aguardando a passagem da Santa, além dos comerciantes informais ou ambulantes que podem estar parados ou circulando ao longo desse trajeto, em cada esquina, ou espalhados no meio dos romeiros, expondo e comercializando seus produtos.

A romaria vista a partir da Pedra: manhã de fé, em homenagem à Virgem de Nazaré

No domingo do Círio, apesar do cansaço resultante das diversas atividades anteriores, especialmente a procissão de trasladação da imagem da Santa, no sábado à noite, que termina pela madrugada de domingo, os devotos, com exceção daqueles que não dormem nesse intervalo de tempo, conseguem acordar bem cedo para acompanhar a procissão desde o seu início. Assistir à trasladação da Pedra do Peixe, na noite de sábado, até próximo da zero hora, trouxe alguma dificuldade para os pesquisadores em seu retorno ao Ver-o-Peso no fim da madrugada e início da manhã de domingo, 12 de outubro de 2014. Abrir mão do café da manhã em casa foi uma condição necessária para chegar a tempo para o início do grande evento. Foi possível estacionar o carro na Rua 15 de Novembro, próximo

ao mercado de carne, pois o acesso à área restrita do Ver-o-Peso¹⁶ foi garantido por uma credencial obtida anteriormente com os organizadores da festa.

Soldados da tropa do Exército, que tradicionalmente dão apoio à procissão, estavam por todas as vias do centro comercial, evitando o acesso de carros nessas imediações, assim como de pessoas, que não podiam passar além da Rua 15 de Novembro rumo à Boulevard Castilhos França¹⁷; eles (os soldados do Exército) estavam fixados ao longo de toda a Rua 15 de Novembro – via paralela à Boulevard – principalmente nas esquinas das transversais que permitem ligação com a Boulevard Castilhos França, por onde passa a grande romaria, isolando plenamente tal acesso ao público, isso porque a concentração de pessoas nessa área antiga da cidade é incompatível com o exíguo espaço, o que poderia ocasionar um enorme atraso¹⁸ na mobilidade da romaria.

Passamos – mediante apresentação de crachá – pela barreira montada na travessa Oriental do Mercado, e lá já estava o balanceiro Daniel (presidente da ASBALAN), dando as boas-vindas aos credenciados, e assim chegamos à Boulevard, onde iniciamos as atividades de observação etnográfica e registro fotográfico do evento. Nesse momento foi possível perceber que muitas pessoas caminhavam apressadas em direção à Boulevard Castilhos França próximo da Alfândega, entre a Travessa Frutuoso Guimarães e a Rua 1º de Março, local onde se encontravam a corda do Círio e suas estações. Entre os que buscavam um lugar ‘na corda’ ou próximo a ela, enquanto esperavam o atrelamento da berlinda e suas estações à corda, foi possível perceber, entre a multidão de devotos, os primeiros promesseiros penitenciais¹⁹ ou em sacrifícios físicos, que fazem penitência deslocando-se de joelhos ao longo do trajeto; um repórter que acompanhava uma promesseira dessa modalidade, narrava que:

Nem todos conseguem chegar à Basílica se deslocando de joelhos, alguns não querem desistir, chegando até a desmaiar no meio do percurso, eles não querem sair antes do final, é uma luta muito grande e muitos desistem no caminho, não aguentam o sacrifício (Gil Moura, 42 anos, repórter fotográfico, 12/10/2014).

A Figura 03 (A) mostra pessoas caminhando, antes do início da procissão, em direção ao local onde estava a corda. No mesmo sentido seguem as primeiras promesseiras sacrificiais, deslocando-se de joelhos pelo caminho da procissão, na esperança de chegar à Basílica, geralmente acompanhados de parentes, amigos, curiosos e repórteres, como no caso da dona Marilda, 32 anos (Figura 03 B), que estava acompanhada do marido Delmiro,

Círio de Nazaré: a festa urbana de fé e a homenagem dos trabalhadores do Ver-o-Peso à padroeira dos paraenses

35 anos, e do repórter fotográfico Gil, que ficava a uma distância de 4 ou 5 metros à sua frente ou na lateral, fotografando-a a todo o momento. Dona Marilda caminhava de joelhos, amparada por Delmiro, que tentava segurar em uma de suas mãos, enquanto seu irmão continuamente deslocava folhas de caixas de papelão que iam ficando na sua retaguarda para a frente da sua trajetória penitencial, rumo à paróquia de Nazaré. A Figura 03 (C) mostra outra promessa penitencial passando à frente da Associação dos Banceiros (ASBALAN) e, ao lado, na calçada, outro fotógrafo que passou a acompanhar seu sacrifício de fé, enquanto familiares e outros convidados dos banceiros ocupam a calçada da Associação, já posicionados para assistir à passagem da Santa na romaria do Círio de Nazaré (Figura 03 D).

Figura 03 (A, B, C e D) – Pessoas caminhando no trajeto da romaria antes do seu início; promesseiras de joelhos, passando à frente da ASBALAN, onde familiares e convidados já ocupam a calçada da Associação.



Fonte: Autor, 2014.

Nesse momento o banceiro Daniel convidava as pessoas que chegavam ao local, para o café da manhã, servido no interior da sede da ASBALAN; além do café com leite, acondicionado em garrafas térmicas, havia também sucos de frutas diversificadas, acondicionadas em jarras de vidro, e acompanhamentos como pães, risoles, croissants, bolos, doces e salgadinhos diversos, servidos em espécies de kits embalados em pratinhos

de plásticos que já estavam expostos na mesa principal, para que as pessoas pudessem se servir à vontade. A ideia era se servir, comer lá mesmo e, em seguida, dar a vez a outras pessoas, uma vez que o espaço era exíguo.

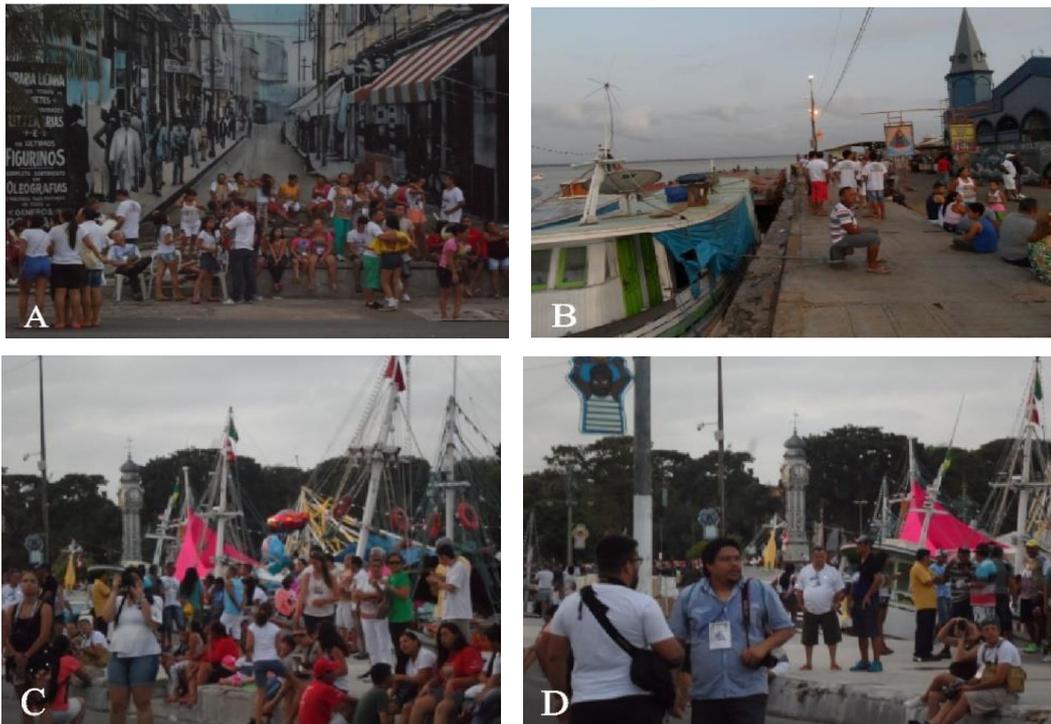
Após o café reforçado, partimos para a Pedra do Peixe, onde já se encontravam alguns personagens mais conhecidos do dia-a-dia, e que lá estavam também na noite anterior, como o Gouvêa e familiares, o barqueiro Reginaldo, os balanceiros Lelé, Carlinhos e o Antônio, outros colegas deles estavam lá por perto e de vez em quando havia visitas mútuas e interação entre os grupos. Como essa área do Ver-o-Peso estava isolada até o momento da berlinda da Santa passar, só estavam por ali barqueiros, pescadores, balanceiros, peixeiros, convidados desses, socorristas da Cruz Vermelha ou de outra instituição de assistência emergencial, repórteres, policiais, soldados do Exército e outros profissionais que contribuíam com o grande evento religioso.

Nesse momento os foguistas ou *blasters*²⁰ ainda estavam arrumando os fogos – tipo rojões – na mesma balsa que estava na noite anterior com essa mesma função. No momento em que a berlinda com a imagem da santa passa pela via, em frente aos barcos ancorados na Pedra, esses fogos são acionados e pode-se ouvir um estampido multiplicando a intensidade de som de centenas de rojões que explodem em uma altura de aproximadamente quinze ou vinte metros do chão, com um show pirotécnico que dura um pouco mais de trinta minutos, homenageando a santa.

As pessoas credenciadas que chegam à Pedra acomodam-se nas calçadas, à espera do início da grande procissão e consequente passagem da santa em sua berlinda. A Figura 04 mostra quatro imagens que registram momentos de espera da passagem da Santa, pelas pessoas presentes, no banco da curva (A), nas embarcações e na Pedra (B, C e D). Na imagem A um grupo de balanceiros, peixeiros e seus familiares estão reunidos na mureta que fica em frente à Pedra; na imagem D, em primeiro plano, dois repórteres e logo atrás e ao centro, um balanceiro conversa com um convidado seu.

Círio de Nazaré: a festa urbana de fé e a homenagem dos trabalhadores do Ver-o-Peso à padroeira dos paraenses

Figura 04 (A, B, C e D) – Na Pedra, pessoas à espera da procissão.



Fonte: Autor, 2014.

No domingo de Círio, assim como na noite anterior, muitas lojas comerciais na Avenida Portugal estavam ocupadas por seus proprietários, familiares e convidados, aguardando a procissão dentro das lojas, nas calçadas, nas janelas do pavimento superior ou nas marquises. Do outro lado da via, tripulantes, passageiros e familiares esperavam nos barcos ancorados na Pedra (Figura 05 A e B). A Figura 05 (A) mostra dona Ana Mirtes, esposa do barqueiro João Melo, e seus dois filhos, um em pé e outro sentado no peitoril lateral do barco; essa embarcação não é especificamente de pesca, mas de transporte de passageiros na região de Barcarena; eles vieram do rio Carnapijó para ver e participar do Círio. Na Figura 05 (B) pode-se ver tripulantes vestidos ou também sem camisa, aguardando a passagem da procissão.

Figura 05 (A e B) – Barcos ancorados na Pedra, à espera da procissão.



Fonte: Autor, 2014.

Uma presença institucional importante – e já tradicional –, no momento em que a procissão do Círio se inicia, é a tropa de soldados do Exército Brasileiro, que organizam a passagem da procissão por essa área, considerada crítica para o fluxo da romaria, por haver muita conversão ou dobras nas vias, em um espaço pequeno que contrasta com tanta gente participando do evento; por isso houve a necessidade – desde o ano de 2005 – de isolar a área do Ver-o-Peso, onde está a Pedra, para evitar o atraso da romaria. O comando é feito através de megafones e os oficiais e suboficiais encarregados dessa tarefa ficam nas marquises das lojas, conforme mostra a Figura 06.

Figura 06 – Oficiais na marquise orientando os soldados na condução inicial da procissão.



Fonte: Autor, 2014.

Os oficiais e soldados do Exército se concentram principalmente na esquina da Rua 15 de Novembro (Figura 07), onde os soldados formam um cordão humano que impede as pessoas de seguirem pela Avenida Portugal, desviando imediatamente pela Rua 15 de Novembro, com algumas exceções: repórteres, socorristas da Cruz Vermelha ou de outras instituições similares, outros trabalhadores atuantes no evento e também os romeiros penitenciais que, com seus acompanhantes, podem passar por esse cordão para seguir o trajeto normal da procissão, conforme mostram as imagens nas Figuras 07 (C) e 08 (A e B).

Círio de Nazaré: a festa urbana de fé e a homenagem dos trabalhadores do Ver-o-Peso à padroeira dos paraenses

Figura 07 (A, B, C, D) – Oficiais e soldados do exército na Av. 15 de Novembro com Av. Portugal.



Fonte: Autor, 2014.

Figura 08 (A e B) – Socorristas e promesseiros penitenciais.



Fonte: Autor, 2014.

Por volta de 6h30, a barreira humana de soldados é desfeita e se transforma em outro cordão, mesclado com a Guarda de N. S. de Nazaré ou Guarda da Santa²¹, que circunda a berlinda com a imagem da Santa, e os soldados seguem integrados à romaria, no seu trajeto normal, passando pela Pedra. A procissão, que havia iniciado em frente à igreja da Sé, rompe a barreira dos soldados e segue pela Avenida Portugal até a Boulevard Castilhos França, seguida e flanqueada pela multidão que acompanha o Círio fora do cordão que cerca a berlinda. Nesse momento a romaria fica mais densa e apressada, pessoas tentam acompanhar quase correndo à frente do grande cordão humano que cerca a berlinda da santa. Tal cordão, inicialmente formado, desde a Sé, pelos componentes da Guarda da

Santa, é fortemente engrossado por soldados do Exército, conforme visto anteriormente (Figura 07), assim como na Figura 09 (A e B) a seguir.

Figura 09 – Finalmente a procissão alcança a Pedra do Peixe, conduzida pela Guarda da Santa.



Fonte: Autor, 2014.

É neste exato momento que se inicia a homenagem dos trabalhadores do Ver-o-Peso aqui destacada, com fogos de artifício detonados enquanto a Santa passa pela Pedra. Esse evento se apresenta como um conjunto de atos aparentemente antitéticos, como se atravessados por movimentos temporais diversos dentro de uma mesma temporalidade contínua: enquanto a berlinda da Santa passa apressadamente pela Pedra do Peixe, seguindo pela Avenida Portugal para rapidamente alcançar a Boulevard Castilhos França, ela é homenageada com fogos de artifício (rojões) e reverenciada pela multidão que levanta a mão ou ambas as mãos para o alto, em atos de contrição; em seguida a esse momento solene, e na sequência do afastamento da imagem que segue em seu trajeto em direção à Avenida Presidente Vargas, acompanhada pela multidão de devotos, a homenagem pirotécnica continua, com duração total de cerca de trinta minutos.

O barulho ensurdecedor e a fumaça dos rojões atinge e afeta os sentidos de todos os que estão localizados na Pedra ou próximos a ela; mas isso não parece incomodar as pessoas; ao contrário, elas parecem estar mais atentas e concentradas nos efeitos sonoro-visuais da explosão de fogos, junto ao movimento de passagem da Santa e seus seguidores no cortejo; admirando, rezando, pedindo bênçãos e proteção à imagem que, mesmo com pressa de avançar, segue lentamente por conta da densidade de devotos ocupando o centro e os espaços laterais da procissão. Essa sequência é apresentada nas Figuras 10 e 11.

Círio de Nazaré: a festa urbana de fé e a homenagem dos trabalhadores do Ver-o-Peso à padroeira dos paraenses

Figura 10 – Atos de contrição enquanto a berlinda passa pela Pedra do Peixe...



Fonte: Autor, 2014.

Figura 11 – ... e segue seu percurso...



Fonte: Autor, 2014.

Após a passagem da Santa, muitas pessoas ainda circulam pela Pedra por cerca de uma hora, quando então esse movimento começa a diminuir e vai ficando mais rarefeita a densidade de pessoas. Na figura 12 é possível observar a pressa dos romeiros, ainda próximos da curva da Boulevard Castilhos França, para seguir a romaria que leva a imagem da Santa rumo à basílica de Nazaré.

Figura 12 – Caminhando em frente à Pedra, para seguir a procissão.



Fonte: Autor, 2014.

Nesse momento, os trabalhadores da Pedra que se reúnem anualmente naquele local para assistir e prestar homenagem a Nossa Senhora, considerando que sua homenagem à Santa foi, mais uma vez, bem sucedida, e sua “obrigação” devidamente cumprida, se abraçam, “tiram” fotos, fazem uma *self* ou posam para fotos (Figura 13 A e B). Na Figura 13 (B) o balanceiro Daniel levanta a mão esquerda em punho, externando sua sensação de vitória por mais esta homenagem à santa.

Figura 13 (A e B) – Self após a passagem da procissão; Daniel e amigos posam para foto comemorativa.



Fonte: Autor, 2014.

Esse sentimento de euforia coincide com certa calma que agora reina na Pedra; há um reconhecimento de que, onde antes havia tanta gente indistinta circulando, agora estão apenas os trabalhadores da Pedra, seus amigos e familiares, os que assistiram e promoveram a homenagem à Santa. Cada grupo de pessoas se reúne se abraça, se confraterniza, posam para fotos com seus convidados. Esse clima permanece por cerca de mais uma hora, quando os carros voltam a tomar conta da via, mas ainda misturados às pessoas que por ali transitam, inclusive vendedores ambulantes que circulavam próximos à Pedra durante o evento. Nesse momento de dispersão, alguns voltam para casa e outros seguem em direção ao mercado de peixe, para a festa de aparelhagem, ou para a sede da ASBALAN, onde os balanceiros e seus convidados já se confraternizam, ocupando a metade da Boulevard Castilhos França.

Nesse momento quando o relógio marcava 8h40, as pessoas se dispersavam, deixando a Pedra quase vazia; foram assim procurando seus rumos, de modo que alguns seguiam para suas casas, outros buscavam se integrar à procissão, outros ainda ficavam conversando naquele local, enquanto os trabalhadores da Pedra e seus convidados seguiam para as festas pós-passagem da romaria, entre elas as que foram referidas no início deste

Círio de Nazaré: a festa urbana de fé e a homenagem dos trabalhadores do Ver-o-Peso à padroeira dos paraenses

artigo: a que já acontecia desde a noite passada na Feira do Açaí, a que iniciou ao nascer do dia, na Avenida Castilhos França, em frente à sede da ASBALAN, e finalmente a que iniciava no Mercado do Peixe. Os balanceiros e seus convidados estavam, nesse momento, mais concentrados na festa em frente à sede da ASBALAN, ocupando toda a extensão da rua (Figura 14 A e B), em um grande burburinho de conversas e *bebericagem*, praticadas alegremente durante e após a passagem da procissão. Essa festa foi encerrada perto das 13h, momento em que muitos deles migraram para a festa no interior do Mercado de Peixe, que agora tornava-se a festa mais animada, enquanto as demais eram encerradas. A partir desse horário, poucas pessoas transitavam na Pedra ou em suas imediações, enquanto os automóveis voltavam a circular pelas Avenidas Boulevard Castilhos França e Portugal, indicando o final dos festejos em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré (Figura 15).

Figura 14 – Festa da ASBALAN, após a passagem da procissão.



Fonte: Autor, 2014.

Figura 15 – Tripulante de barco caminha pela Pedra do Peixe, em direção ao Mercado de Ferro, enquanto a chuva da tarde se anuncia no horizonte.



Fonte: Autor, 2014.

Considerações finais

Ao término da passagem da romaria, quando a Avenida Portugal ficou sem a grande multidão que seguiu o trajeto do Círio, encontramos dona Nazaré, que vende mingau nas

madrugadas naquele mesmo local, com seu carrinho estacionado, atendendo romeiros atrasados que compravam e seguiam apressadamente o trajeto da procissão, tripulantes de embarcações e outros clientes que só estavam assistindo à passagem da santa. Apesar de seu nome, ela não é católica, e vê aquele evento como “um ritual em torno de uma imagem, não é a Santa que passa, é só uma imagem [...] o povo não sabe se reza ou se faz festa”. Dona Nazaré aproveita o evento como uma extensão do seu trabalho rotineiro, pois no momento em que muitos por ali caminham, festejam ou se penitenciam, ela vê o potencial desse dia para aumentar suas vendas; afinal “esse dia é como outro qualquer dia de trabalho”, em que ela aproveitou a grande concentração de pessoas para vender mingau ao público interessado. E embora não estivesse no mesmo clima festivo da maioria das pessoas que por ali passavam ou ainda permaneciam, encontrou um modo de participar do evento, pois “o Círio é um acontecimento de maior destaque na cidade de Belém, não só para os católicos, mas para todos os paraenses que, de uma forma ou de outra, participam dele” (NASCIMENTO, 2010, p. 134). Como afirmam Heraldo e Angelica Maués (2005), “não é incomum encontrar no Círio pessoas que pertençam a [outras] religiões [e] não estão ausentes, tampouco, os evangélicos”. Assim, pode haver também “a presença de pessoas que, embora se tenham convertido às religiões evangélicas, ainda ficam tocadas pelo Círio, ou vão apenas olhar por curiosidade, ou até utilizam o Círio como algo para ganhar dinheiro”. De fato, “o Círio mexe com a sociedade inteira, mesmo que seja para criticar ou para participar, ou para aproveitar, ou fazer valer as suas próprias crenças religiosas, às vezes, misturadas, sincretizadas com o catolicismo (MAUÉS; MAUÉS, 2005, p. 42).

Nessa manhã de domingo, fé e festa, diversão e trabalho se comunicam e se misturam, e o que parece contraditório e profano apenas confirma uma experiência humana, ao mesmo tempo individual e coletiva, particular e universal, no limiar de um espaço-tempo vivido por todos os que passaram por aquele espaço cotidiano da cidade. Como afirma Carlos Brandão (2010, p. 17), “algumas vezes, em alguns dias seguidos, em uma noite, em um momento, breve, mas único, as pessoas deixam de ser quem são nos outros dias, nos outros momentos, em outras horas da semana e se entregam à festa”. E enquanto o evento processional seguia seu curso, carregando a multidão de romeiros, os trabalhadores da Pedra voltavam-se para suas festas, reunidos com seus parentes e amigos, para comemorar mais um ano de trabalho e sua gratidão afetuosa à Santa dos paraenses.

Referências

- ALVES, Isidoro. **O carnaval devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém.** Petrópolis: Vozes, 1980.
- SILVA, Luiz de Jesus Dias. **Pedra, Redes e Malhas na circulação do pescado do Ver-o-Peso ao meio urbano de Belém-PA.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2016.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e Folia Festa e Romaria.** Aparecida: Ideias e Letras, 2010.
- GOIÁS, NORMA TÉCNICA 30 /2014. Disponível em https://www.bombeiros.go.gov.br/wp-content/uploads/2014/03/nt-30_2014-fogos-de-artificio-e-espetaculos-pirotecnicos.pdf
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e encantados: catolicismo popular e controle eclesialístico.** Belém: Cejup, 1995.
- MAUÉS, Heraldo; MAUÉS, Angelica. Feliz Círio. Relatos, interpretações e memórias afetivas de um casal de antropólogos. In: FIGUEIREDO, Sílvia Lima (Org.). **Círio de Nazaré. Festa e Paixão.** Belém: Edufpa, 2005, p. 41-61.
- NASCIMENTO, Lícia. Catolicismo popular: as comemorações do Círio de Nazaré no Ver-o-Peso. In: Wilma Marques Leitão (org) **Ver-o-Peso: estudos antropológicos no Mercado de Belém.** Belém: NAEA, 2010, p. 133-150.
- NASCIMENTO, Lícia. **Sociabilidades no Mercado de Peixe do Ver-o-Peso durante o Círio de Nazaré.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, 2010.
- PINTO, Luiz. **História do Círio de Nazaré em Quadrinhos.** Belém: Paratur, s/d.
- PORTARIA NORMATIVA GS/SSP Nº 1 DE 12/05/2014. Publicado no **DOE-AM** em 14 maio 2014 <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=270400>
- RODRIGUES, Carmem. Mercados Interculturais: linguagens, práticas e identidades em contextos amazônicos. **Projeto de Pesquisa,** CAPES/PROPESP/UFPA, 2013.
- SARÉ, Larissa Latif. **A Serpente no Asfalto: Estudo Compreensivo do Espetáculo da Corda dos Promesseiros no Círio de Nazaré em Belém do Pará.** Tese de Doutorado Em Artes Cênicas. Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, 2005.

Notas

¹ Círio de Nazaré é uma romaria em homenagem à Padroeira dos paraenses que ocorre anualmente na manhã do segundo domingo de outubro em Belém do Pará. É a principal de um ciclo de romarias que ocorrem durante todo o mês de outubro de cada ano.

² Pedra do Peixe ou simplesmente Pedra é o único entreposto pesqueiro oficial da cidade de Belém do Pará e fica localizado na margem norte da doca do Ver-o-Peso, bem em frente ao Mercado de Peixe.

³ O presente ensaio é produto de observações etnográficas realizadas no mercado do Ver-o-Peso, em Belém, para Tese de Doutorado intitulada Pedra, Redes e Malhas na circulação do pescado do Ver-o-Peso ao meio urbano de Belém-PA (SILVA, 2016), vinculada ao projeto de pesquisa Mercados Interculturais: linguagens, práticas e identidades em contextos amazônicos (RODRIGUES, 2013).

⁴ É extensa a bibliografia produzida sobre o Círio de Nazaré, em Belém. Destacamos, entre outros, os trabalhos de Isidoro Alves (1980) e Heraldo Maués (1995).

⁵ Sobre essa festa, ver a dissertação de Lícia Nascimento (PPGCS/UFPA, 2010).

⁶ Recírio é a procissão de encerramento das festividades anuais que ocorre quinze dias após o círio e que visa levar a imagem da Santa ao colégio Gentil Bitencourt, localizado às proximidades da Basílica de Nazaré.

⁷ Romaria realizada todo segundo domingo de outubro, pela manhã, em Belém do Pará em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré. Saindo da Igreja da Sé para a Igreja de Nazaré, mas que tem sua festividade desdobrada em doze romarias, sendo principal, a do Círio.

⁸ Berlinda da santa é uma redoma prismática estruturada em vidro e metal, onde fica a imagem da santa e que fica sobre uma espécie de carrinho com rodas/pneus, o qual é empurrado por pessoas durante a procissão.

⁹ Sobre o valor ritual (expressivo-simbólico) e o sentido etnocenológico e espetacular da corda dos promesseiros do Círio de Nazaré, ver a tese de Larissa Saré (2005).

¹⁰ Balanceiro é uma categoria de profissionais que se encarrega de receber, pesar e vender por atacado, o pescado das embarcações atracadas na doca do Ver-o-Peso.

¹¹ Barqueiros ou geleiros são os proprietários das embarcações de pesca que atracam na Doca das Embarcações para escoar o pescado que trazem do mar ou dos rios estuarinos do Amazonas.

¹² Peixeiros são os talhadores de peixe do Mercado de Peixe do Ver-o-Peso e de outros pontos da cidade.

¹³ Aparelhagem é um conglomerado de caixas de som, força, mesas de comando, computadores, estruturas e luzes que fazem as festa de salão nas cidades paraenses e em extensão para outros estados da Amazônia.

¹⁴ Trasladação é a procissão que ocorre na noite que antecede o dia do Círio, conduzindo a imagem da Santa da Basílica de Nazaré para a Catedral de Belém (igreja da Sé), ponto de partida da procissão matinal.

¹⁵ Plácido foi o cidadão ao qual se atribui o achado da imagem da santa de Nazaré nas margens de um curso d'água onde hoje se situa o bairro de Nazaré, no século XVIII; contam que ele levava a imagem da santa para sua casa, às proximidades da igreja da Sé, e no outro dia a imagem desaparecia e voltava para o local onde foi encontrada; isso provocou uma corrente social que fez o bispo à época mandar erguer, nesse local, uma capela que veio a se transformar na basílica de Nazaré.

¹⁶ A área do Ver-o-Peso fica restrita na Avenida Portugal desde a Rua 15 de Novembro, dobrando a Boulevard Castilhos França, até às proximidades da Rua 1º de Março, onde se forma a Corda do Círio que envolve a berlinda e é atrelada a esta em frente à Estação das Docas, para seguir em procissão.

¹⁷ Boulevard Castilhos França é a via que margeia a baía do Guajará, e por onde passa a romaria após sua partida da Catedral de Belém, até alcançar a Avenida Presidente Vargas, em direção à Basílica de Nazaré.

¹⁸ Em anos anteriores até a década de 1980, não havia restrição de pessoas à área do Ver-o-Peso, mas como o número de romeiros e promesseiros só vinha aumentando, houve ocasião em que a procissão teve início às 6h e chegou ao seu destino às 16h devido à lentidão ao longo do trajeto, inclusive nessa área da Pedra.

¹⁹ Promesseiro penitencial é o termo usado, neste artigo, para denominar essa categoria de romeiro que paga promessa com sacrifícios físicos.

²⁰ O termo Foguista, usado anteriormente na região, foi substituído pelo termo Blaster, que se refere a “pessoa com habilitação oficial para assumir responsabilidades oriundas do planejamento e execução de espetáculos pirotécnicos, incluindo a montagem, queima e desmontagem dos fogos de artifício” (www.bombeiros.go.gov.br. 2014). Segundo a Portaria Normativa GS/SSP N° 1 DE 12/05/, do Estado do Amazonas, é o “elemento encarregado de organizar e conectar a distribuição e disposição dos explosivos empregados no desmonte de rochas, como também é o operador responsável pelo planejamento, supervisão e/ou execução do espetáculo pirotécnico, legalmente habilitado pelo órgão estadual competente (<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=270400>).

²¹ A Guarda de Nossa Senhora de Nazaré é uma organização formada inicialmente por homens, vinculada à paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, e que tem por função dar segurança aos principais eventos do calendário paroquiano, especialmente durante o ciclo de procissões do Círio.

Sobre os autores

Luiz de Jesus Dias da Silva

Doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA-UFPA). Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal do Pará.

E-mail: ljesusds@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9037-5081>

Carmem Izabel Rodrigues

Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA-UFPE). Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará.

E-mail: cizbel@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4964-6844>

Recebido em: 16/06/2020

Aceito para publicação em: 19/08/2020